

Vida: quando começa? Uma análise filosófica da matéria da *Super Interessante* [Ed. 219 -Nov/2005].

por Paulo Faitanin - UFF



Fertilização

1. A reportagem: A Revista *Super Interessante* trouxe no mês de Novembro a seguinte reportagem assinada por Eliza Muto e Leandro Narloch: *Quando a vida começa? Se começa na fecundação, várias pesquisas com células-tronco têm de ser proibidas já. Se começa com a atividade cerebral, 60% dos abortos devem ser legalizados.* O conteúdo é desenvolvido das páginas 56 a 64. Para evitar a falácia [engano por dizer apenas meia-verdade] destas duas perguntas, analisaremos abaixo a questão. A primeira falácia é a que diz que se a vida começa na fecundação, várias pesquisas com células-tronco têm de ser proibidas já: sim, mas somente as pesquisas com células-tronco embrionárias, que supõe a manipulação [levando à morte] da vida embrionária e não toda e qualquer pesquisa, como por exemplo, a investigação com células-tronco adultas. A segunda falácia é a que diz que se a vida começa com a atividade cerebral, muitos abortos deveriam ser legalizados: não, a vida nem começa e nem termina com a atividade cerebral e mesmo que começasse [e de fato não começa] isso não justifica a legalização do aborto, pois o que move o interesse pelo aborto não é o início ou o fim da atividade cerebral, mas outras circunstâncias que se valeriam disso, se isso fosse verdade, para justificá-lo.

2. Conteúdo: Nas pp. 58-59 segue-se o texto que comentaremos logo abaixo: "Aristóteles afirmava que o feto tinha, sim, vida. E estabelecia até a data do início: o primeiro movimento no útero materno. No feto de sexo masculino, essa manifestação aconteceria no 40° dia de gestação. No feminino, apenas no 90° dia - Aristóteles acreditava que as mulheres eram física e intelectualmente inferiores aos homens [sic! não há fundamento para tal informação deste porte no *Corpus Aristotelicum*] e, por isso, se desenvolviam mais lentamente. Como naquela época não era possível determinar o sexo do feto [ainda hoje não é nada fácil], o pensamento aristotélico defendia que o aborto deveria ser permitido apenas até o 40° dia de gestação [não há relatos de que Aristóteles tenha defendido o aborto nestas circunstâncias]. A teoria do grego sobreviveu cristianismo adentro. Foi encampada por teólogos fundamentais do catolicismo, como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, e acabou alçada a tese oficial da Igreja para o surgimento da vida" [A Igreja não sustenta nenhum *dogma* acerca disso, mesmo porque isso não é de sua alçada, senão da

dos filósofos e cientistas]. Dada a falácia do texto acima reproduzido - lembrem-se a falácia é a arte de enganar dizendo meias-verdades - o comentaremos parte a parte abaixo.

3. A ciência sabe quando exatamente começa a vida? Não! A vida começa num instante em que a ciência não sabe precisar. Conhecemos os efeitos do início da vida, mas desconhecemos o exato momento em que ela começa. Este indivisível do tempo - que é o instante inicial - é intransponível e imensurável. Do mesmo modo, não se conhece o exato momento da morte, senão somente os seus efeitos no corpo. Por quê desconhecemos o instante inicial da vida e da morte? Os clássicos do pensamento não duvidaram em subordinar a origem e o término da vida à vontade de Deus. Não seria por esta razão a impossibilidade de conhecer o exato momento do seu início e do seu término? Pois se fosse possível conhecer tal instante, conheceríamos simultaneamente a vontade de Deus. Ora, não conhecemos simultaneamente a vontade de Deus, senão o que ele nos revela no tempo, na sucessão de nossas vidas; além do mais, se a conhecêssemos isso nos faria deuses e, neste caso, Deus já não seria efetivamente único e, por conseguinte, deveríamos seguir buscando um que fosse único, cuja vontade transcendesse-nos. De tudo o visto, se a ciência sequer conhece o instante inicial e terminal da vida no corpo, apenas a supõe pela análise de seus efeitos nele, como ela poderá sanar a vida da morte, da dor e do sofrimento? Esperança infundada, pois a ciência não pode dar solução a mistérios que transcendem a razão.

4. O que dizem as religiões: vejamos abaixo o que dizem algumas das principais religiões. Tenham em conta que as visões modificam e tomam vertentes distintas no interior de uma mesma religião. De tal modo que aqui nos atemos ao que de um modo geral se aceita em cada uma delas.

Hinduismo	Judaísmo	Budismo	Catolicismo	Islamismo	Protestantismo	Espiritismo
A vida começa na fecundação e se opõe ao aborto	A vida começa no 40º dia, antes disso o aborto não é considerado homicídio	A vida é um processo contínuo e ininterrupto, e não há consenso sobre aborto	A vida começa na concepção, quando o óvulo é fertilizado, e se opõe ao aborto	A vida começa 120 dias após a concepção, e se opõe ao aborto	A vida começa na fecundação e em geral se opõe ao aborto, havendo correntes que o admite em certos casos.	A vida começa quando se fixa o óvulo no útero; há correntes que admitem o aborto

5. O que dizem as filosofias?

O filósofo grego Platão, na obra *Fédon*, 85e; 86d; 93c;95^a, refutou a doutrina de que a alma do homem foi gerada a partir da mescla dos elementos da matéria. Ela é de origem superior à da matéria; pertence ao mundo das Idéias e participa da Idéia de vida [Fédon, 105^a-1106e]. É de origem espiritual e de natureza divina [*República*, 589d] e se une ao corpo por causa de pecado, cujo castigo é a encarnação sucessiva, até que consiga a purificação e a expiação perfeita de seu crime [*República*, 489d]. Esta encarnação se dá quando o embrião está plenamente formado e pronto para nascer, pressupondo a animação tardia.

Para Aristóteles, intelecto tem origem independente e não está submetido à corrupção [*De anima*, I, 4, 408b 18-20; 413^a 4; 413b 25], não resulta da mescla dos elementos dos corpos [*De anima*, I, 408^a-409b]. As vidas nutritiva e sensitiva se transmitem pela divisão da matéria herdada dos progenitores [sêmen], mediante a geração sucessiva [*De generatione animalium*, II, 736a 32-b2], mas a intelectiva não se transmite pela matéria do esperma e do embrião, pois nem em virtude existe na matéria, pois sua operação não depende de algum organismo ou de atividade corpórea [*De generatione animalium*, II, 736b 8-30], e somente ela, por ser divina [*Ethica Nich*, X, 7, 1177a 15-20], tem origem desde fora do embrião, incorporando-se nele, somente depois [*De animalibus historia*, VII, 583b 1-5], pressupondo assim, a animação tardia ou sucessiva.

Orígenes, indeciso se a alma se origina do sêmen dos progenitores [traducianismo] ou se tem outra origem, se por geração ou se advém ao corpo desde fora, tende para a adoção da teoria da animação tardia, ao admitir a doutrina platônica da preexistência das almas [*De principiis*, I, pro. 5: PG 11, 118-119].

6. Outras opiniões:

Tertuliano, com sua crítica a Platão [*Fédon*, 65d; 80d], teoriza a doutrina do traducianismo, de que corpo e alma teriam origem simultânea e comum, por transmissão e divisão da matéria. A alma seria transmitida pelos pais e surgiria juntamente com o corpo, no ato da geração. Por isso a alma é corpo sutil, tênue e aeriforme. A alma dos filhos forma-se, à maneira de um rebento, da alma paterna. Assim, como a árvore lança o rebento, assim uma parte da alma do pai se translada, pelo sêmen, ao filho, em cujo corpo ela se envolve e cresce independentemente [*De anima*, c. XIX, PL II, 331]. Portanto, contra a doutrina platônica da preexistência da alma [*República*, 489d; 613a;617d] estabelece, apoiando-se em Gn 2,7, que a alma teve origem, pelo sopro de

Deus, e que sua origem é simultânea à do corpo [teoria da animação simultânea]; e contra a doutrina platônica da eternidade e imaterialidade da alma, apoiando-se em Lc 16, 22-24 [o rico avarento no inferno, que pede ao pobre Lázaro, no seio de Abraão, uma gota de água], sustentou a teoria da transmissão da alma pelos pais, onde supunha que não apenas o corpo, mas também a alma fosse transmitida pelos pais [*De anima*, c. XIX, PL II, 682].

Gregório de Nissa, em *De opificio hominis*, refutando também a doutrina da preexistência da alma e a da transmigração em *De opificio hominis*, PG 44, 28, 232b, acaba por adotar o *traducianismo*, depois de também refutar a tese de que seria inconveniente que a alma fosse criada depois do corpo. Se a alma fosse criada exclusivamente depois do corpo e em atenção a ele, por consequência, a sua dignidade seria inferior à do corpo, pois o valor do meio é sempre inferior ao do fim [*De opificio hominis*, PG 44, 28, 233b]. Assim ele procede tal demonstração, traçando um paralelo entre o renascimento pela água (batismo) e o nascimento do homem individual. Sustenta que no batismo temos a água natural, inanimada, que só pelo poder de Deus opera o nascimento sobrenatural. Do mesmo modo, na geração humana temos um líquido inanimado, que tira toda sua eficácia do poder de Deus. Assim a nossa resposta é evidente, a saber, que ele (o sêmen) se transforma em homem pelo poder divino; pois sem a presença deste, ele permanece imóvel e ineficaz [*Oratio catechetica magna*, PG 45, 32, 84c]. Apolinário segue também a doutrina traducianista.

Santo Agostinho admite *en De Gen. ad litt.* 7, 3-4; 202, que a alma não procede da substância divina, visto ser uma criatura que não preexistiu ao corpo [oposição à doutrina da preexistência da alma], que não é formada de uma suposta substância espiritual, produzida no começo da criação *De Gen. ad litt.* 7, 22-23; 221, que não evoluiu da matéria, nem de uma alma animal [oposição ao traducianismo: *De Gen. ad litt.* 9, 207] e que foi criada no princípio da criação *Epist.* 166. 9, 27, para logo ser infundida no respectivo corpo pelo próprio Deus, pois se tornaria difícil a explicação da razão da união entre alma e corpo *De Gen. ad litt.* 7, 24-28; 222-228. A sua postura o faz tender para a adoção da teoria da animação sucessiva, de que a alma foi criada e somente depois infundida no corpo. Visando com isso confirmar a espiritualidade da alma intelectual contra o traducianismo e a transmissão do pecado original pelo corpo, contra a doutrina de Pelágio: o pelagianismo, que afirmava que a natureza humana não foi tocada de modo algum pelo pecado original, em cada descendente de Adão, não necessitando a redenção de Cristo pelo batismo. Conseqüentemente afirma a capacidade do homem para praticar o bem, sem ajuda da graça divina. Ver: H. SCHLESINGER, E H. PORTO,

Dicionário Enciclopédico das Religiões. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 2022; V. GROSSI, Traducianismo, em: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1383.

O Papa Leão Magno [440-461] sustenta que se Cristo, a exceção do pecado, em tudo foi semelhante a nós, a infusão da alma de Cristo, segundo a disposição do corpo, não ocorreu em outro momento diferente ao que se deu na concepção dos demais homens, estendendo assim, à concepção de todos os homens a aplicação da teoria da animação simultânea. Portanto, para Leão Magno, tanto em Cristo, quanto para os demais homens a animação é simultânea, pois, assim como nos homens, uma vez formado o corpo lhes é infundida a alma, assim também em Cristo. [*Epistola a Juliano*, 35, a.1, 11, c.3: PL 54, 809 a: “Non alterius naturae erat caro Christi quam nostrae; nec alio illi quam ceteris hominibus anima est inspirata principio”].

São Gregório Magno [540-604], em sua célebre obra *Moralia in Job*, sustenta que a animação de Cristo é simultânea: “Com o anúncio do Anjo e a vinda do Espírito Santo, logo que o Verbo está no seio, imediatamente se faz carne no seio” *Moralia in Job*, Parte IV, Livro XVIII, c.52 [PL 76, 90^a]: “Non purus homo conceptus atque editus, post per meritum ut Deus esset accepit, sed nuntiante angelo, et adveniente Spiritu, mox Verbum in utero, mox intra uterum Verbum caro, et manente incommutabili essentia”.

S. Máximo [580-662], em razão da união perfeita das duas naturezas em Cristo, para evitar a doutrina de que a sua alma preexistiu ao corpo e a de que sua alma teve origem material pela transmissão da matéria dos pais, afirmou a animação simultânea à disposição do corpo, negando a suspeita de que a origem de sua alma era corporal, como se tivesse sido transmitida por seus pais. Afirmou que a alma humana de Cristo é criada e infusa simultaneamente à disposição do corpo, desde o primeiro instante da concepção de Cristo [*De variis difficillimis locis sanctorum Dionysii et Gregorii seu ambiguum liber*, PG XCI, 1.335^a]. Professou que corpo e alma nascem simultaneamente; sendo o corpo material, divisível e corruptível, mas a alma, simples, imaterial, indivisível e imortal. Não concebe o corpo como cárcere da alma. Admite uma relação essencial entre eles, que inclusive subsiste depois de sua separação, na morte: *De anima*, PG XCI, 1101bc.

São João Damasceno, *De fide orthodoxa*, liv. III, c.2: MG 94, 985 c988a: “Simul caro, simul Dei Verbi caro, simul caro animata anima rationali et intellectuali”. Sustentava afirmando com relação à animação do corpo de Cristo que “Ao

mesmo tempo foi carne, carne do Verbo de Deus e carne animada por uma alma racional e intelectual”. Portanto, a disposição do corpo se dá no instante final da geração do corpo, por isso, tanto em Cristo, quanto nos demais homens, é dita simultânea, pois se dá no instante final da geração.

7. São Tomás de Aquino: Já tratamos disso em Concepção e individuação do embrião humano segundo S. Tomás. Resumiremos sua doutrina. O Angélico embora tenha se valido da teoria biológica de Aristóteles para expressar sua teoria metafísica, a teoria biológica de Aristóteles não traduzia a expressão da teoria metafísica tomista. Sua tese metafísica é a de que vida, ser e individuação se dão simultânea e instantaneamente. Isso comprometeu e muito a exposição tomista; levando a muitos a pensar que ele - pelo que ele afirma da animação baseando-se na teoria biológica aristotélica - teria defendido a teoria da animação sucessiva. Mas pelo que ele sustenta em sua metafísica, ele só poderia ter defendido a teoria da animação simultânea, embora não dispusesse de uma teoria biológica compatível com os princípios metafísicos. Em especial vejam o que ele diz em: *Sum. Theo.*, III, q. 33, a.2, ad1:

“Portanto, deve-se dizer que o princípio da infusão da alma pode ser considerada sob dois aspectos. Por um lado, segundo a disposição do corpo. E, nesse sentido, a alma não foi infundida ao corpo de Cristo de maneira diferente do que é infundida aos corpos dos outros homens. Pois, assim como nos outros homens, uma vez formado o corpo lhes é infundida a alma, assim também em Cristo. De outro modo, esse princípio pode ser considerado unicamente segundo o tempo. Por ter sido formado perfeitamente o corpo de Cristo com anterioridade temporal, também recebeu antes a alma”.

8. Conclusão: A ciência não pode estabelecer a partir de critérios unânimes nem o início da vida nem o seu término, pois as conjeturas que aceitam apenas se pautam numa ou outra reação fisiológica que dá sinal de que a vida já começou ou de que caminha para o seu término. Portanto, não é criterioso, prudente e lícito legislar sobre o início e o fim da vida humana, pautando-se por tais critérios, sobretudo quando se decide contra a vida, a que por juramento os médicos prometem resguardar. Ficam, pois, tais falácias sem sustentação no âmbito da argumentação filosófica e da circunstância atual da medicina. O único que se pode dizer é que a vida começa na fecundação e o seu término não necessariamente na parada da atividade cerebral. Tanto é assim que para a doação de órgãos de alguma pessoa se diz apenas clinicamente que está morto pelo cessar da atividade cerebral, mas supõe a vida da pessoa para a adequada retirada dos órgãos.